

CORPO, ESPAÇO E DISSIDÊNCIAS NA URBANIDADE ERECHINENSE/RS

BODY, SPACE AND DISSIDENCES IN THE URBANITY OF ERECHIM/RS

Marcos Sardá Vieira¹,
Jonathan Frare Giorgi² e Marvin Davi Rojeski³

Resumo

As cidades interioranas do sul do Brasil revelam hábitos e tradições peculiares na constituição da urbanidade contemporânea. No caso de Erechim, localizada ao norte do estado do Rio Grande do Sul (RS), observamos o predomínio de conservadorismos marcados pela relação desigual de gêneros e sexualidades na precarização de identidades dissidentes, que repercutem em processos de exclusões e discriminações cotidianas. Neste contexto, o objetivo deste artigo é analisar os meios de apropriação e sobrevivência social de corporalidades e expressões de dissidências de gênero e sexualidades diante de limites morais e tradições peculiares, demarcados na espacialização formal da cidade. Deste modo, realizamos levantamento de campo (por observação não participante, diário de campo, croquis e fotografias) e revisão bibliográfica para construirmos nossa metodologia cartográfica e interdisciplinar. Por fim, constatamos vivências particulares de dissidências e subversões corporais-identitárias na ocupação efêmera e criativa de espaços heterotópicos felizes e informais.

Palavras-chave: gênero, espaço, Sexualidades dissidentes, Erechim, Rio Grande do Sul.

Abstract

The interior cities of southern Brazil reveal peculiar habits and traditions in the constitution of contemporary urbanity. In the case of Erechim, located in the north of Rio Grande do Sul (RS), we observe the predominance of conservatism marked by the unequal relationship of genders and sexualities in the precariousness of dissident identities, which have repercussions on processes of daily exclusions and discriminations. In this context, the goal of this article is to analyse the means of appropriation and social survival of corporeality and expressions of gender and sexual dissidences in the face of moral limits and peculiar traditions, demarcated in the formal spatialization of the city. Thus, we carried out a field survey (by non-participant observation, field diary, sketches and photographs) and literature review to build our cartographic and interdisciplinary methodology. Finally, we found particular experiences of dissidence and body-identity subversions in the ephemeral and creative occupation of happy heterotopic and informal spaces.

Keywords: gender, space, dissident sexualities, Erechim, Rio Grande do Sul.

1 Doutor em Ciências Humanas e professor adjunto no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

2 Graduando em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal da Fronteira Sul.

3 Graduando em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal da Fronteira Sul.

Introdução

Refletindo sobre a relação entre corporalidade, urbanidade e representações dissidentes, este artigo apresenta uma parte dos resultados da pesquisa⁴ sobre as condições de pessoas identificadas como lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e queers na constituição de novas sociabilidades no espaço urbano e regulamentado de Erechim-RS, cidade interiorana na região sul brasileira (Figura 1).

Na relação dessa população LGBTQ⁵ com a cultura cis-heteropatriarcal hegemônica e excludente, na qual está inserida, problematizamos a reprodução de estereótipos, preconceitos e restrições representacionais e territoriais, justificados por valores, identidades e tradicionalismos regionais como parte de um processo histórico e cultural de opressão e discriminação. Assim, ao longo do texto, após compreendermos a relação entre corpo, identidade e espaço, analisamos criticamente a cultura gaúcha como base da identidade regional rio-grandense de reprodução do patriarcado, do racismo e da ideologia cis-heteronormativa. Constatamos tais incorporações na cultura material e urbana de Erechim diante de representações, convivências e territorialidades excludentes e restritivas. Porém, também identificamos a formação de urbanidades alternativas e heterotópicas nesta cidade, que contemplam dissidências e resistências contingentes.

Através do método cartográfico, portanto, abordamos os possíveis agenciamentos dessas subversões (pós)identitárias em suas vivências na criação de relações, fluxos e hábitos associados com a conformação de novas urbanidades e cotidianos no espaço urbano e regional de Erechim, interpretado com características provincianas e convencionais predominantes.

Por fim, esta publicação é uma reflexão crítica e interdisciplinar entre cultura, urbanidade, gênero e sexualidades dentro do contexto cis-heteropatriarcal hegemônico de representações e identidades regionais no sul do Brasil.

Procedimentos metodológicos

Na relação entre as temáticas de gênero e sexualidades com a configuração do espaço urbano, desenvolvemos a pesquisa de campo, basicamente, através de mapeamento por croquis e observação não participante. Também desenvolvemos discussões e pesquisas teóricas relativas às áreas das Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas para a compreensão desse levantamento na cidade (MINAYO, 2010). Na junção destas estratégias de investigação, nossa proposta metodológica e interdisciplinar é definida como cartográfica, ou seja, como procedimento/método de organização dos dados e informações referentes à área estudada de maneira moldável em relação aos levantamentos e compreensões que vão sendo obtidos e sem estabelecer um processo engessado e linear de atuações. Dessa forma foi possível intuímos alguns caminhos de acordo com as evidências levantadas em campo para estabelecermos possíveis compreensões do que o campo estaria revelando enquanto evidências na relação nem sempre óbvia entre aspectos socioculturais e urbanos, muitas vezes invisibilizados

4 Projeto de pesquisa vinculado à Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim, intitulado "Gênero e sexualidades em urbanidades periféricas" (PES-UFFS-2018-0972), que contou com a participação de estudantes voluntários do curso de Arquitetura e Urbanismo no período entre 2018 e 2021. Projeto que faz parte do grupo de pesquisa GIGRAS, Grupo Interdisciplinar em Gênero, Raça e Sexualidades, cadastrado no CNPq.

5 Esta pesquisa possui recorte identitário com lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e queers que moram em Erechim.



(AMADOR; FONSECA, 2009; OLIVA, 2005).

Nesta transição de relações entre áreas de conhecimento, mantivemos uma abordagem qualitativa na qual os métodos de coleta de informações foram definidos tanto por fontes secundárias a partir de revisão bibliográfica (sobre os temas da pesquisa e também de outras análises historiográficas e situacionais sobre Erechim) quanto por fontes primárias através do mapeamento das áreas urbanas de Erechim (STAKE, 2011). Assim, o mapeamento foi realizado através da observação não participante por meio de caminhadas e observações locais, fotografias, além de anotações em diário de campo. Tais observações objetivas e subjetivas são apresentadas neste artigo como resultado único da cartografia sobre a conformação urbana erechinense a partir de nossa análise crítica e concepção filosófica reivindicatória (CRESWELL, 2010).

O levantamento dos dados empíricos e o referencial teórico possibilitam compreender as dinâmicas da urbanidade erechinense atual para além das atividades formais do cotidiano, desvelando as relações humanas no fluxo dos desejos e prazeres. Este aspecto é fundamental para considerarmos a importância do fator tempo na validação das memórias e de fatores intencionalmente repetidos para configurar tradições e valores culturais também por meio da apropriação espacial (SANTOS, 2018).

Corpo e espaço na articulação (pós)identitária

Entre os principais tópicos de estudos desta investigação, a relação entre o corpo e o espaço foi central para compreendermos as particularidades de comportamentos, ações e desejos atuando no fluxo da cultura material e urbana ao longo do tempo. Desse modo, na medida em que os corpos e as subjetividades são moldados com a expectativa de corresponderem em atitudes, comportamentos e decisões previsíveis para a manutenção da estrutura cis-heteropatriarcal hegemônica, a cidade é planejada com base nessas medidas de regulamentação e disciplina, as quais, junto

à constituição cultural, educacional e jurídica, determinam os modos de vida, os valores e as moralidades de tudo que deve ser aceito ou excluído nesta construção de realidade dicotômica, parcial e cíclica (VIEIRA; GROSSI, 2017; FOUCAULT, 2013; BENTO, 2006).

Assim, para a compreensão de tais fatores identitários e culturais, que perpassam a sociedade contemporânea, a relação entre corpo e espaço aponta para diferentes representações e significados relativamente visíveis e conflituosos. O corpo como meio de representar o indivíduo e a coletividade, comunicando expressões e comportamentos particulares, enquanto o espaço configurando-se como lugar de interação material e simbólica com estas corporalidades. Nem sempre essa associação é harmônica na maneira como as determinações coletivas influenciam (e precarizam) a condição de corporalidades e subjetividades nos processos sociais. Por isso, destacamos a associação das identidades com o espaço urbano e simbólico para tornar possível o reconhecimento representativo e comunicativo da interação sociocultural entre o que se torna factível e o que é obliterado.

Em geral, consideramos a importância da relação do corpo com o espaço enquanto meio de representação e performatividade, na medida em que o corpo dispõe de possibilidades de atuações neste espaço social compartilhado e, ao mesmo tempo, é limitado pela própria configuração do espaço ao permitir atuações e performances específicas para atender à macroestrutura da sociedade. Contudo, ainda que o sujeito apresente relativa liberdade de atuações individuais, seu corpo precisa atender às representações predominantes de aparência, performatividade, orientação dos desejos e comportamentos que seguem a cartilha normativa e subliminar do gênero binário e da heteronormatividade para, assim, garantir sua condição plena de existência e segurança. Caso contrário, este corpo estará sujeito ao ruído e à insegurança ao representar uma corporalidade vista como inadequada e ambígua num contexto de julgamentos morais e preconceituosos (DÍAZ HERNÁNDEZ, 2020).

Segundo Paul B. Preciado (2020a), referindo-se à contribuição do filósofo Michel Foucault para o entendimento das ações de governo da vida ou da mortalidade, o corpo é elemento central de toda ação política. Entretanto, Preciado considera que a ação política do capital espera fabricar este corpo, adestrar suas atividades laborais e condicionar seus modos de reprodução através de técnicas e dispositivos manifestados pelos meios culturais e pelas políticas públicas. Essa noção está ligada à biopolítica por considerar a racionalidade do governo da população com o efeito de homogeneizar os desejos e as corporalidades (assim como do espaço urbano) a partir do binarismo de gênero e sexualidade (PRECIADO, 2020a).

Entretanto, corpo e subjetividades pessoais são atributos carregados de singularidades (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2009). A grande maioria das pessoas dificilmente atende à imagem do corpo idealizada por processos midiáticos, biopolíticos e (re) produtivos. Embora haja um esforço para que todas as pessoas se aproximem dessa imagem, pautada pelo corpo esguio, jovem, caucasiano, monogâmico, rico e cis-heterossexual, tal atitude define o código entre a aceitação e a exclusão dos benefícios sociais, na medida em que os privilégios estão associados a estes marcadores de reconhecimento. Assim, na medida em que cada escolha é direcionada para atender a esses códigos dentro da política cis-heteropatriarcal, quase automaticamente são reforçadas as fronteiras da condição de normalidade corporal e subjetiva no contraponto com as experiências dissidentes de corpos abjetos e desprivilegiados diante do reconhecimento essencialista e ainda hegemônico da sociedade formal (TEIXEIRA, 2018; CAMPOS; MORETTI-PIRES, 2018).

Neste sentido, o corpo torna-se elemento importante de articulação com o espaço, que pode tanto alterar a dimensão física, reproduzindo e modificando os meios de sustentação material, quanto ser alterado por ele, ao refletir processos de transformação e adaptação desse corpo aos meios de vida. Essa relação entre corpo e espaço, portanto, nos revela esse jogo simultâneo de influências, resiliências e negociações. São relações fundamentais e que perpassam a relação das pessoas com o ambiente de interações e realizações dentro da cultura material. Ao mesmo tempo, revelam condições restritivas para a reinvenção dessas relações associadas entre sujeito e objeto, ou seja, do corpo como entidade singular e do espaço/discurso/objetos como meios de produção, criação e troca (SARDÁ-VIEIRA, 2022).

Ao defendermos a concepção ética de que a cidade surge para atender à diversidade humana, constatamos que o corpo se torna o ponto de partida para estabelecer as fronteiras que definem quem nós somos e, nesse sentido, situando a formação identitária com suas ações constitutivas. Ao mesmo tempo, o compartilhamento de representações e simbolismos que acolhem determinadas identidades atesta o caráter de aceitação de determinados desejos e características em detrimento de outras, que permanecem desassistidas, invisibilizadas e excluídas.

De acordo com Kathryn Woodward, “a identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades” e, dessa forma “a identidade está vinculada também a condições sociais e materiais. [Portanto,] se um grupo é simbolicamente marcado como o inimigo ou como tabu, isso terá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais” (WOODWARD, 2000, p. 14).

Na prática, compreendemos que as experiências de alteridade nem sempre se pautam pela convivência pacífica. Até porque as desigualdades sociais e as identidades coletivas decorrentes agravam a distribuição equitativa de recursos ocasionando disputas e conflitos de classe e raciais. Além disso, as contradições identitárias são alimentadas por visões essencialistas e distorcidas de valores morais e de relações históricas de poder. Isso ocorre não apenas para reforçar similaridades dentro de grupos identitários, mas também para justificar a discriminação com base no preconceito e distorção de fatos históricos e, assim, impor hierarquias e políticas de dominação. Literalmente, estamos tratando aqui da cultura de base racista e moralista, como processo impositivo de subordinar determinadas pessoas por sua feição étnico/racial estigmatizada, ou ainda pela misoginia ou pelo preconceito contra orientações sexuais e identidades não binárias devido à tomada de consciência e empoderamento desses grupos quando mobilizados por teorias e movimentos sociais (PRECIADO, 2020b; LERNER, 2019).

Em geral, as experiências do maior número de culturas e pessoas no mesmo local, atribuídas aos grandes centros urbanos, costumam auxiliar na compreensão de convivências sociais que tal diversidade contempla. Assim, a presença de comportamentos e corporalidades plurais em algumas áreas urbanas de grandes cidades como São Paulo e Berlim, por exemplo, costuma dispor de estabelecimentos voltados ao lazer ativo e às atividades hedonistas, ou seja, aquelas voltadas ao ócio, à contemplação despropositada e ao prazer. Porém, é comum a obtenção do prazer, inclusive os sexuais, ser negada no âmbito público e convencional das cidades. Talvez, tal noção esteja mais presente na constituição de urbanidades em pequenas e médias cidades onde a economia de usos e sentidos constituídos no espaço urbano sejam padronizados por medidas de controle, subsistência e despretensões inovadoras.

No contraste com as metrópoles, essas cidades menores costumam sustentar suas vivências através de atividades e comportamentos hegemônicos, que garantem o funcionamento de suas atividades básicas. Ou seja, são mantidas as prerrogativas da

alta modernidade, na ideia da cidade como máquina (trabalho, moradia, circulação e lazer), priorizando os interesses produtivos, disciplinares e regulatórios justificados por valores morais e tradicionais. Entretanto, tal regime suprime outros interesses singulares e intersubjetivos muito mais amplos⁶, evidenciando os processos de precarização e aniquilação das diferenças sociais, de maneira injusta e ainda evidentes na atualidade.

Ao caracterizarmos cidades pequenas, médias e grandes, consideramos a existência de variações espectrais e complexas, escondidas ou reveladas, todas com potencial de criação de espaços e sociabilidades que promovam o cuidado do corpo, a socialização, o encontro com outras pessoas, o romance e as práticas sexuais entre diferentes identidades, orientações e comportamentos legítimos e possíveis de serem vivenciados (HAESBAERT, 2014; COLLINS, 2006).

Sendo assim, ao tratarmos da padronização nos modos de constituir a urbanidade em pequenas e médias cidades da atualidade, nos referimos às condições de viabilidade para a representação de corpos e performatividades a partir dos limites discursivos e materiais, que condicionam relações e identidades com base no gênero e nas sexualidades (BUTLER, 2019). Portanto, tais relações de restrição à conformação da corporalidade, com seus comportamentos e expressões diversas, definem um campo de precariedades para aquelas pessoas que fogem às normativas do gênero em relação ao sexo que lhes foram estabelecidas por um senso de classificação anatômica. Ou mesmo pela manifestação do desejo sexual de acordo com convenções naturalizadas e reificadas por um sistema histórico de opressão fundamentalista.

De alguma maneira, através dos processos biopolíticos e do regramento social mantidos pela cultura do entretenimento, tais argumentos de simplificação, do que vem a se tornar viável (e ideal) para a sociedade, corresponderiam à perpetuação da condição cisgênero, heteronormativa e patriarcal, presentes na materialização de discursos e objetos, da mesma forma que vêm configurando o planejamento das cidades industriais e capitalistas ao longo da Era Moderna.

Cultura gaúcha, territorial e masculina

No período contemporâneo, observamos que os valores morais defendidos por grupos conservadores e tradicionalistas estão entre os principais temas de oposição às campanhas pelos direitos humanos e por cidades mais inclusivas. Assim, destacamos nossa contextualização sobre a formação da identidade regional do homem gaúcho como parte da cultura de apropriação territorial no Sul do Brasil a partir do século XIX e reforçada como representação política e cultural do poder oligárquico e patriarcal ao longo do século XX (RIBAS, 2013).

Na busca por uma identidade típica brasileira no início do século XX, surgiram medidas políticas, pseudocientíficas e intelectuais para construir uma nova representação identitária em uma população majoritariamente mestiça. Em especial na Região Sul, para onde emigraram grandes contingentes de povos europeus (vistos como representantes da branquitude almejada) foram promovidas medidas eugênicas e aprimoramentos antropomórficos nas feições majoritariamente miscigenadas de brasileiros e brasileiras da época, vistas como inapropriadas para configurar valores estéticos e morais do país no futuro. Tanto as feições corporais como os costumes e as

⁶ Interesses ligados, por exemplo, à redução: dos impactos ambientais, da carência de habitação de interesse social, da violência urbana e da pobreza - aspectos esses também associados à hierarquia de estratificação social e humana.

atitudes morais pretendidas teriam como referência a branquitude europeia e a virilidade masculina como parâmetro. Por isso, essas ideias viraram programas incorporados pelos Estados nas primeiras décadas do século XX, tanto no Brasil quanto em outros países ocidentais (FLORES, 2007).

Sob esse entendimento de racismo e virilização do povo brasileiro⁷, a manutenção do patriarcado sob o amparo da burguesia requereu (e ainda requer) o protagonismo da figura masculina como eixo de sua articulação, principalmente, em se tratando de valores ideológicos mais tradicionais. Assim, na ocupação ainda pouco efetiva do território rio-grandense, relativamente distante dos centros geopolíticos do país (como São Paulo e Rio de Janeiro), de certa forma, foram criadas condições propícias para a constituição de uma cultura regional associada à figura emblemática do “homem campeiro”. Nesta corporificação, os traços de masculinidade são realçados pelo vínculo deste sujeito com o trabalho pesado do campo e pelo domínio da natureza, resgatando deste modo a essência da masculinidade que estaria perdida (BILHALVA; RODRIGUES, 2019).

Em complemento, para Liza Bilhalva e Marta Bonow Rodrigues (2019, p. 339), os elementos associados ao árduo trabalho campeiro nos pampas gaúchos e às exigências relativas ao esforço físico corporal dessas atividades (e performatividades) são “elementos necessários para a formação ontológica desses homens”, definindo de maneira mais ampla para a cultura regional as bases de uma unidade regional identitária sul-americana e cis-heteropatriarcal, mantendo-se em conformidade com os ideais políticos em vigor no país.

Ao mesmo tempo em que é formado o sujeito da cultura regional rio-grandense, surgem as políticas públicas de territorialização do interior do país e o controle das regiões de fronteira com outros países sul-americanos. Nesse processo, são mobilizados esforços para a expansão do território e a fundação de novas cidades interioranas, que coadunam com a utopia da modernidade pautada pela regulamentação de sociedades tradicionais, trabalhadoras e reprodutivas. Sociedades essas distintas das diásporas étnicas/raciais presentes entre os povos latino-americanos e dos comportamentos e corporalidades vistos como não representativas da feição esperada para o povo brasileiro.

Portanto, a expansão da cultural gaúcha, dominada por um sujeito masculino, foi mantida como base cultural de toda a região Sul do Brasil, com destaque para as regiões interioranas dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina⁸. Segundo João Vicente Ribas (2013), ao longo do século XX é produzida uma bricolagem da identidade gaúcha em sua origem nos pampas que passa a ser incorporada em mesorregiões como a de Passo Fundo, onde se incorpora o imaginário das tradições gaúchas como identidade local a partir dos meios de divulgação cultural, como o cinema, as canções populares e os eventos tradicionalistas. O autor ainda compara a construção da identidade do *cowboy* norte-americano pela indústria cinematográfica como manutenção identitária de processos contingentes de construção de valores

⁷ Segundo Maria Bernardete Ramos Flores, os discursos em prol da virilização, como reação contrária a feminização da cultura no início do século XX, refletem uma crise de masculinidades diante do movimento feminista, da arte moderna, da inserção das mulheres no trabalho fabril e da maior problematização da homossexualidade. Além do Brasil, tais aspectos ocorreram em toda a Europa, Estados Unidos e América Latina (FLORES, 2007).

⁸ Destacamos a incorporação da cultura gaúcha nas regiões interioranas do RS e SC ao longo do século XX devido à concomitância de consolidação dessas localidades e áreas urbanas com esta tradição dominante (considerando as tradições dos povos indígenas), enquanto nas cidades litorâneas, ocupadas nos séculos anteriores, outras culturas (e subculturas) já se faziam presentes, além da própria incorporação da identidade gaúcha.



regionais. Em ambos os casos, portanto, confirma-se a centralidade do sistema de dominação identitário-corporal onde a masculinidade precisa ser constantemente reafirmada e ressignificada para a manutenção do patriarcado e do sistema de expansão e exploração territorial (BUTLER, 2019; LERNER, 2019).

Na atualidade, entre os estudos que apontam a configuração de regimes masculinistas na somatização de noções generificadas de poder, Alexandre Bortolini (2022) enfatiza a articulação histórica da dominação masculina com o conservadorismo na constituição de representações produzidas e organizadas dentro do próprio funcionamento do Estado e do sistema político e social. Ainda, para o autor:

Essas produções nos ajudam a compreender o papel das disposições de gênero e sexualidade na consolidação de formas dominantes de representação do poder no Brasil, que definem a política como o exercício autoritário e violento de um pequeno grupo de homens sobre grandes massas feminizadas e racializadas, cristalizando uma associação entre poder e masculinidade, com marcas evidentes de raça e classe. Noção cristalizada no imaginário coletivo a partir do efetivo exercício do poder nestes termos e por esses sujeitos ao longo da nossa história e sedimentada institucionalmente em formas autoritárias, exploratórias e excludentes de governo (BORTOLINI, 2022, p. 95).

Concentrando nossa análise na região norte do estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente, na mesorregião de Erechim, queremos destacar o quanto a construção do território e da urbanidade local está alicerçada nesta cultura regional de perpetuação das políticas cis-heteropatriarcais, de dominação masculina, e que contribuiu na implantação da moderna racionalidade expansionista (e no controle antidemocrático) em segmentar as diferenças étnicas, comportamentais e corporais (vistas como indesejáveis por uma elite branca, cisgênero e heteronormativa) para justificar políticas de restrição, exclusão e aniquilamento de outras corporalidades e representações socioculturais (PEREIRA; VIEIRA, 2020; FLORES, 2007).

Contextualização urbana e regional de Erechim

Erechim é uma média cidade brasileira com 106.633 habitantes (IBGE, 2020), localizada na região norte do estado do Rio Grande do Sul, onde predominam paisagens de pequenas e médias cidades mescladas com grandes áreas de matas e campos voltados à produção agrícola (Figura 2).

Sua fundação teve início como colônia de imigrantes em 1908, para expandir a ocupação interiorana do território brasileiro no sentido oeste, em contraponto às áreas mais densamente ocupadas da faixa litorânea no limite com o Oceano Atlântico.

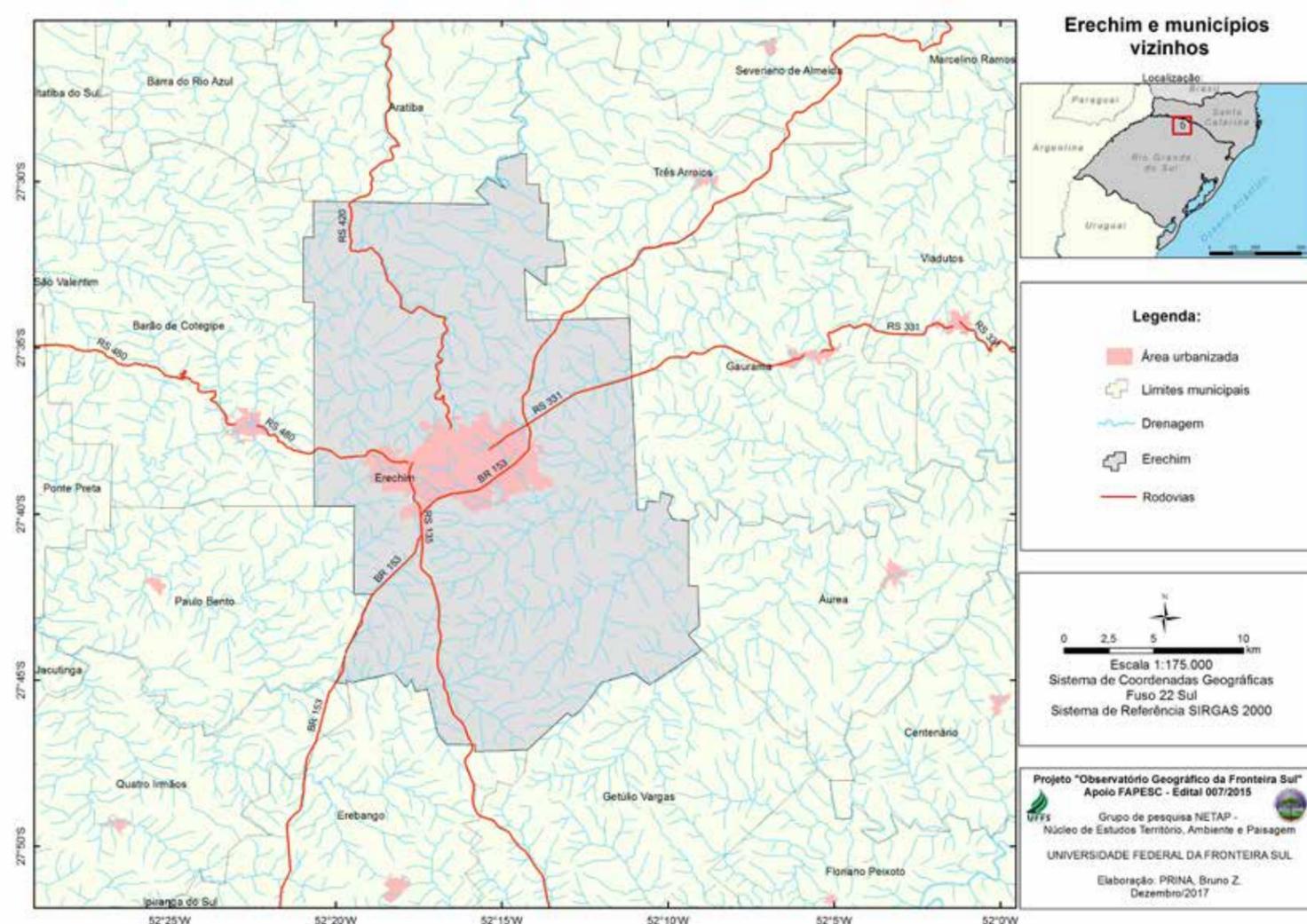
A cidade apresenta conformação urbana consolidada na atualidade a partir do planejamento iniciado no início do século 20 (mais exatamente em 1914), que foi crescendo para conformar a urbanidade atual. A proposta de planejamento que valoriza o traçado das vias, definindo sua malha xadrez regular entrecortada por avenidas diagonais, surgiu pela referência dos principais planos urbanísticos da modernidade e de outras cidades brasileiras, como Belo Horizonte, representativas do estado republicano brasileiro (FÜNFGELT, 2004).

O crescimento de Erechim e os novos loteamentos imprimiram uma nova ordem formal fora daquela quadriculada de origem, sem necessariamente adaptarem-se às irregularidades topográficas e às próprias limitações ambientais. Assim, do traçado original são mantidas as vinculações geométricas do zoneamento e a continuidade dos principais eixos viários na ligação entre os diferentes bairros e na conformação integrada de sua ocupação urbana.

Na relação com outras localidades, Erechim é considerada a capital da microrregião do Alto Uruguai, que reúne 32 municípios. Boa parte desses municípios, que têm esta cidade como referência de comércio e serviços disponíveis em área urbana, é formada por cidades pequenas e de baixa complexidade. No âmbito da mesorregião Grande Fronteira do Mercosul, os dois municípios de maior conformação e proximidade são Passo Fundo/RS e Chapecó/SC, ambos distantes de Erechim não mais do que 100 quilômetros. Em relação às capitais da região Sul do Brasil, Erechim está a 370 km de distância de Porto Alegre, a 500 km de Florianópolis e a 480 km de Curitiba, com trajetos que duram entre seis e doze horas de viagem por rodovias.

Essas ligações rodoviárias ocorrem, principalmente, pela BR-153 (ligando norte e sudoeste), pela saída norte através da RS-420, saída leste pela RS-331, saída sudeste pela RS-477, saída sul pela RS-135 e saída oeste pela RS-211 e BR-480 (Figura 3). Para as entradas e saídas da cidade, portanto, predomina o transporte automobilístico como meio de escoamento de produtos e circulação de pessoas, que se revela predominante também no contexto regional, onde a estrutura ferroviária, o tráfego aéreo e o transporte fluvial deixam de oferecer amplos recursos de deslocamento e abastecimento para a grande maioria da população, além de empresas e instituições públicas (VIEIRA, 2019; GIARETTA, 2008).

Ainda que Erechim seja uma referência urbana importante para a região norte da fronteira sul rio-grandense, queremos destacar o seu caráter regional periférico em relação a outras cidades de maior porte e consolidação urbana. Tal situação define certo isolamento geográfico e cultural de Erechim e outras cidades regionais (inclusive, reforçando as referências culturais e urbanas com Passo Fundo e Chapecó, entre as principais cidades da porção oeste da região Sul brasileira) com relação aos principais centros urbanos da região Sul, como Porto Alegre e Curitiba, e da mesma forma com outras regiões brasileiras e países vizinhos.



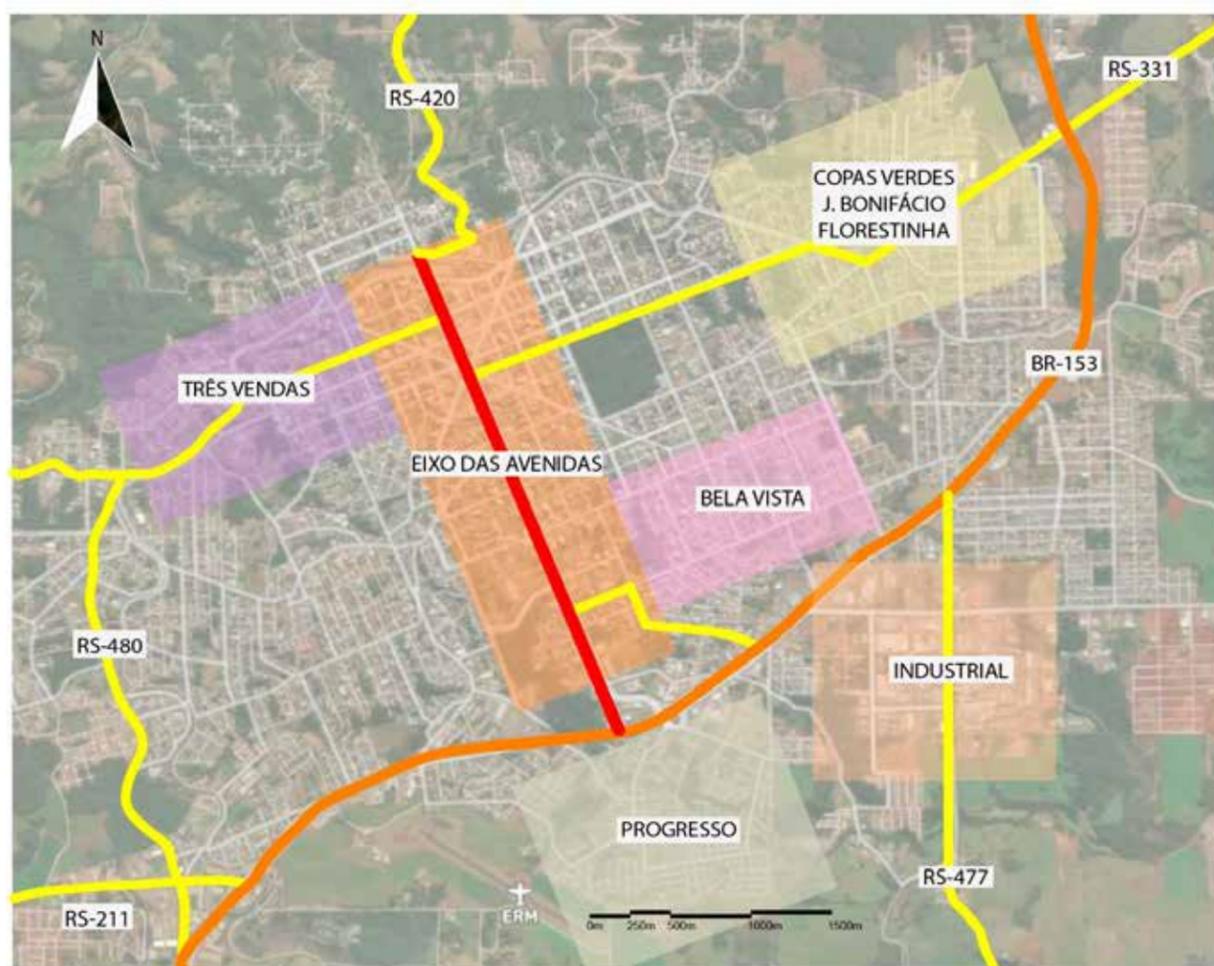
Tal isolamento é evidenciado no sentido das trocas materiais de abastecimento e escoamento de produção, na implantação de recursos de infraestrutura e na mobilidade da população ao entrar e sair da cidade por meio do transporte automobilístico. Ressaltamos, ainda, que os fluxos e as dinâmicas por meio dessas ligações rodoviárias são distintos daquelas localizadas próximas às metrópoles e nos sistemas modais da faixa litorânea brasileira. Ou seja, nos processos de troca e comunicação, representados por pessoas (pesquisadores, técnicos e turistas), objetos e discursos, Erechim tende a ficar distante do contato em primeira mão das novidades promovidas e produzidas pelas dinâmicas urbanas de áreas mais centrais, onde se concentra um maior número de pessoas e riquezas (LYNCH, 2015). Exceções talvez estejam presentes no desenvolvimento de áreas de produção econômica e pesquisas proeminentes localizadas em Erechim e região, como nas indústrias de produção de alimentos de origem animal e no agronegócio, na medida em que mobilizam ações e comunicações específicas. Contudo, tais limitações físicas e culturais repercutem de maneira ampla em todos os segmentos sociais.

Embora se defina como área urbana consolidada e com características específicas, os aspectos socioculturais e os meios de produção permanecem como parte do sistema de reprodução de valores e comportamentos que, de certa forma, se encontram atrelados muito mais na manutenção de atividades econômicas primárias (de produção agroindustrial e matéria-prima) do que na oferta de serviços e consultorias especializadas, que não sejam para atender apenas à própria região. Tais aspectos, portanto, definem uma certa estagnação do município quanto às atividades voltadas à diversidade cultural e de lazer⁹, isto é, todas aquelas não relativas aos processos

⁹ Diferentemente de cidades próximas como Passo Fundo/RS e Chapecó/SC, que apresentam mais

Figura 3 - Ligação de Erechim com municípios vizinhos através de rodovias. Ao centro (polígono irregular rosa) está a malha urbana erchimense. Fonte: Projeto "Observatório Geográfico da Fronteira Sul", UFFS, 2017. Disponível em: <https://observatoriogeouffs.files.wordpress.com/2018/02/erechim-e-municipios-vizinhos.jpg>. Acesso em: 02 abr. 2022.

Figura 4 - Mapa esquemático de análise dos pontos de referência e localizações na malha urbana de Erechim. Destaque para a área central (retângulo laranja) atravessada pelo eixo das avenidas (linha vermelha). Acervo dos autores, 2022.



econômicos (pós)industriais.

Sendo assim, mesmo como polo para outras pequenas cidades da região do Alto Uruguai, observamos em Erechim um certo distanciamento regional no tempo e no espaço em relação à produção e ao consumo de novas tendências estéticas, culturais e tecnológicas. Ao mesmo tempo, existe uma desaceleração na renovação de discursos e valores simbólicos coletivos associados aos pensamentos, comportamentos e expressões identitárias, que surgem, muitas vezes, como movimentos de vanguarda em grandes cidades e áreas metropolitanas, tanto no Brasil quanto no mundo. Talvez, essa distância que separa o cotidiano da cidade do lançamento de novas ideias só não é maior devido aos meios de comunicação digital e midiático, que tornam possível acessar as informações de maneira simultânea entre todos os territórios brasileiros e internacionais. Ainda assim, estes aspectos tecnológicos que aproximam a comunicação das pessoas com as novas informações e conhecimentos, muitas vezes, permanecem isolados entre interesses particulares, sem alterar substancialmente os modos de vida, os meios de produção e as políticas públicas.

Portanto, mesmo que o aumento de informações nem sempre represente qualidade de apreensão, a diversidade de discursos, produtos e atividades enquanto oferta de novas experiências a serem contempladas pelas pessoas, essa carência qualitativa influencia na conformação das dinâmicas urbanas do cotidiano erechinense, nas

oportunidades culturais e lazer acumulados nos últimos 30 anos, Erechim mantém atualmente poucos eventos culturais e opções de lazer, estas últimas muito associadas aos estabelecimentos comerciais. De qualquer forma, é importante ressaltar que toda a região noroeste do Rio Grande do Sul e oeste de Santa Catarina possuem características majoritariamente mais conservadoras no âmbito de tradições culturais, patriarcais e reprodutivas, ou seja, na dependência acrítica dos meios de vida dominantes na cultura colonial e ocidental, assim como na comodidade de comportamentos e desejos neoliberais ainda voltados à reprodução da prole (para adestrar trabalhadores e consumidores) e da dependência econômica.

interações sociais e no nível de satisfação da população. Contudo, sabemos que nem sempre a promoção de autonomia da população e a oferta de modos de vida alternativos (mais baratos, funcionais e ecológicos) são propostas bem-vindas diante da visão de políticas sociais ainda voltadas à disciplina moral e ao condicionamento dos prazeres (COLLINS, 2006).

Segmentações urbanas e heterotopias erechinenses

Partindo deste macroentendimento da contextualização urbana de Erechim, nossa investigação teve como foco identificar quais seriam as experiências e ocupações espaciais de grupos e pessoas dissidentes¹⁰ e seus efeitos de ocupação disruptiva com o espaço urbano formal, enquanto cidade de característica geográfica periférica e cultura majoritariamente conservadora. Porém, ao focarmos primeiramente nas relações sociais com os espaços públicos observamos que nem sempre tais manifestações de insurgência tornam-se visíveis. Assim, na medida em que também direcionamos nossa atenção para as áreas mais periféricas e para os estabelecimentos privados, que atendem a grupos e coletividades, constatamos que os limites da condição cis-heteropatriarcal tornam-se relativos a partir de experiências e convivências heterotópicas e particulares (Figura 4).

A heterotopia é um conceito apresentado por Michel Foucault e refere-se à criação de um modo de vida particular em uma determinada geografia e espacialidade. Esse modo de

¹⁰ Consideramos aqui como grupos e pessoas dissidentes, justamente, aquelas que não se adequam às políticas morais e comportamentais conservadoras de base cis-heteropatriarcal, da mesma forma que as consciências que buscam maior diversidade de informações e conteúdos pouco presentes devido ao relativo isolamento geográfico e cultural de Erechim.

Figura 5 - Vista panorâmica da área central de Erechim com alguns pontos de referência. Disponível em: <https://www.pmerechim.rs.gov.br/uploads/notices/7476/6e56b409f2a7178022505e1862cdctf14.jpg>. Acesso em: 02 abr. 2022. Adaptado pelos autores, 2022.

vida pode surgir de grupos identitários, de novos hábitos e de relações sociais. Pode se definir também por um campo de valores simbólicos desassociados da função original para a qual se destinaria a condição material desta localidade. Portanto, diferente da utopia, que é relativa à expectativa de se chegar em uma condição de lugar não existente, a heterotopia refere-se a processos particulares de adaptação criativa do espaço para novos significados de ocupação (SILVESTRI, 2014; FOUCAULT, 2013).

Em nossas análises através de incursões urbanas, observamos que a cidade apresenta sua ocupação bastante segmentada entre classe social, raça e disciplinas de comportamentos nas áreas públicas. A constituição da malha urbana de origem, com sua geometria em grelha e amplas avenidas, configura as áreas mais valorizada do território, principalmente, na porção leste do Centro, onde a topografia é mais regular e as cotas são mais altas. A partir deste território central (e ainda mantendo as características do traço reticulado na continuidade das ruas e avenidas) estão os bairros e localidades transitórias na relação com as áreas expandidas da cidade e mais distantes do Centro e dos principais equipamentos urbanos, como hospitais, prefeitura, igreja matriz e centros comerciais (Figura 5). Na sequência radial dessa transição, por fim, surgem os bairros e ocupações periféricas, que delimitam novas dinâmicas sociais e limites de ocupação junto ao perímetro urbano.

Voltando para a área central, na continuidade Sul do eixo da Avenida Maurício Cardoso está a Avenida Sete de Setembro, a partir da qual são mantidos importantes estabelecimentos e pontos de expansão da cidade, assim como é ampliada a malha urbana quadriculada. Porém, saindo da Avenida Sete de Setembro as dinâmicas sociais e os investimentos materiais decorrentes são reduzidos na conformação de lugares mais específicos, principalmente dando lugar às quadras e edifícios residenciais. Alguns bairros próximos desse eixo reproduzem a geometria do traçado e servem de endereço para outros equipamentos urbanos importantes, como é caso do bairro Bela Vista, onde se localizam a Rodoviária e o Fórum, e o Fátima, onde se localizam o Seminário Nossa Senhora de Fátima e a Universidade Comunitária URI, que agregam grande movimento de pessoas e atividades em seus terrenos com ampla implantação e relativa permeabilidade com os logradouros públicos. Por todas essas localidades observamos grande movimento de pessoas nas ruas representando os grupos mais privilegiados e mais afins aos valores patriarcais e cis-heteronormativos.

Já na porção oeste do perímetro urbano está o bairro Três Vendas, que em nossa análise se refere ao bairro mais autônomo em relação ao Centro. Isso acontece, em parte, devido à sua separação quanto ao alinhamento a partir do eixo das avenidas, fazendo com que o Três Vendas estabeleça na sua conformação linear e orgânica um outro eixo de deslocamento e outros pontos de referência, que funcionam como âncora na dinamização de sua estrutura de deslocamentos. Assim, na medida em que o bairro define uma das rotas de acesso da cidade, pela BR-480 (que leva ao Rio Uruguai, na fronteira com o Estado de Santa Catarina), mantém o fluxo desta passagem entre o Centro e o espaço periurbano, gerando vínculos específicos entre os moradores. De qualquer forma, se mantém como bairro mais voltado às atividades laborais e residenciais do que à oferta de locais para o lazer e o tempo livre.

Já os bairros mais afastados da área central, como o Florestinha, Copas Verdes, José Bonifácio e o Progresso, representam outra configuração socioespacial de Erechim, na medida em que abrigam boa parte da população negra, estigmatizada pela pobreza e pelo racismo estrutural. Desse modo, na medida em que na área central encontramos corporalidades e identidades representativas da branquitude, classe média/alta, nestes principais bairros periféricos estão as diásporas de corpos mestiços, da precariedade, da violência e dos comportamentos mais desviantes para a ordem moral hegemônica (Figura 6). Portanto, o que notamos como estratificação social entre brancos e negros,



ricos e pobres, civilizados e “anormais” apresenta-se relativamente marcado pela hierarquia de territorialização do espaço, tendo o eixo central como marco zero, a partir do qual vai decrescendo o valor estabelecido tanto à porção do solo e da materialidade urbana quanto ao caráter simbólico associado às pessoas, nos seus modos de vida e corporalidades¹¹.

Enquanto nos bairros predomina a atividade residencial, as atividades de lazer (diurno e noturno) costumam ser mais intensas na área central de Erechim. Boa parte delas estão vinculadas a estabelecimentos comerciais e privados, localizados próximos ao eixo das avenidas (Maurício Cardoso e Sete de Setembro), por ser o ponto de maior movimento de público e acessos, articulando a centralidade da malha urbana da cidade. Assim, neste eixo está o maior valor agregado aos investimentos públicos e imobiliários e o caráter simbólico e intersubjetivo da paisagem urbana central de Erechim. Os pontos de encontro como áreas livres públicas, praças, terminal de ônibus, postos de gasolina e demais logradouros desta área misturam-se aos pontos comerciais como bares, restaurantes e danceterias, lojas comerciais, escritórios e também residências. Os principais estabelecimentos procurados para o lazer, portanto, encontram-se, assim, concentrados na avenida Maurício Cardoso e nas ruas transversais, como as ruas Alemanha, Argentina e Bento Gonçalves. Contudo, a maioria das locações é voltada para a porção do lado oeste da avenida Maurício Cardoso, principalmente no cruzamento desta com as ruas Argentina e Joaquim Brasil Cabral. A topografia acidentada, a amplitude da dimensão pública através dos eixos viários e a marcação cruzada entre Viaduto e Linha Férrea criam um importante marco espacial central como referência para as dinâmicas urbanas nesta área. Em especial, para as atividades voltadas ao lazer e ao ócio este é o ponto de articulação combinado pelo alto fluxo de mobilidade e abertura visual na paisagem (PEREIRA; VIEIRA, 2020).

Alguns locais voltados a atividades mais clandestinas, como venda de drogas e prostituição também se encontram próximos do eixo central da malha urbana e costumam estar associados com locais de difícil acesso, visualização ou pelo menor movimento de pessoas e veículos em suas proximidades. Por exemplo, em pontos mais

¹¹ Ainda que esta pesquisa não dê conta da complexidade de cada um dos bairros e das singularidades existentes na cidade, é possível percebermos os reflexos da representação do preconceito e do racismo estrutural decantado na organização urbana de Erechim, que delimita sua centralidade privilegiada no contraste com o ostracismo dos lugares de convívio nas áreas periféricas.

Figura 6 - Fotografias na escala do pedestre coletadas durante o levantamento de campo. Localidades fora da área central de Erechim-RS. Acervo dos autores, 2019.

isolados de quadras devido à alta declividade topográfica, ou pela falta de iluminação noturna nos logradouros e terrenos baldios, além de espaços residuais localizados ao final de ruas sem saída, próximos de escadarias, às margens da linha férrea ou, ainda, nas imediações do Viaduto Rubem Berta. Tornam-se, desse modo, locais estratégicos para a subversão das normas sociais e também para associações com o crime e a violência.

De qualquer forma, algumas poucas áreas fora do eixo central costumam ser ocupadas eventualmente para a promoção de encontros, no compartilhamento de experiências comuns vinculadas ao lazer, à sociabilidade e, até mesmo, ao prazer sexual. Como heterotopias felizes e sem efeitos colaterais negativos para a sociedade. São vivências de ocupação transitória que, indubitavelmente, agenciam os limites da ocupação alternativa e da ação política no espaço público ao driblar as condições de formalidade do planejamento, o controle compulsório do policiamento e as tentações do consumismo como modo de vida. Em outras palavras, tratam-se de ocupações efêmeras de espaços vazios (no limite do perímetro urbano erechinense) realizadas por grupos de jovens de diferentes classes sociais, orientações e identidades que agenciam suas condições de ocupação para performar novas experiências. Ou seja, são grupos e indivíduos singulares, não necessariamente vinculados às representações identitárias das áreas centrais de Erechim e que descobriram no vazio estratégico de canteiros urbanos a possibilidade de viabilizar suas experiências (inter)subjetivas com distanciamento espacial e recriar suas condições de lazer e prazer em áreas abertas e longe do controle panóptico da moral e dos bons costumes da ideologia cis-heteropatriarcal.

Por fim, tais ocupações atualmente ocorrem pelo menos em três áreas distintas da cidade¹². São amplos terrenos em fase de construção a serem loteados. Para viabilizar tais ocupações, os terrenos contam com infraestrutura básica de ruas e, em alguns casos, iluminação, mas permanecem vazios e acessíveis pelo sistema viário adjacente, de áreas limites e relativamente vinculadas ao perímetro urbano (HAESBAERT, 2014). Nessa configuração singular da prática do desvio, o público ocupa o espaço tanto a pé quanto motorizado, na intenção de promover encontros, ouvir música e utilizar a dimensão física destes vazios urbanos para o isolamento de suas práticas e prazeres particulares.

Conclusão

Na medida em que alguns corpos se tornam visíveis no rompimento com as normas reconhecidas pelos grupos sociais, de alguma maneira estão desenvolvendo experimentações de sobrevivência que relativizam os valores estabelecidos e, nem por isso, estáveis e completos. Mais do que sobreviver, é possível considerarmos que estes corpos e desejos dissidentes estabelecem novos parâmetros de vivenciar a cidade e, nesse fluxo subversivo, estabelecem também outras políticas e estéticas de existência para a reconfiguração do que é definido enquanto cultura material e urbana no contexto atual de incertezas políticas e autoritárias regendo o futuro das cidades brasileiras.

De maneira geral, a constituição dos resultados cartográficos desta publicação contribui para compreendermos as condições urbanas de cidades médias como Erechim em

¹² Optamos por não divulgar estas áreas em mapas, fotografias e por descrições mais detalhadas sobre sua localização como medida de proteção às pessoas e identidades LGBTQ participantes destas ocupações efêmeras.

intersecção com as vivências de pessoas autoidentificadas como lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e queers. A caracterização do contexto periférico de Erechim e da mesorregião onde a cidade se insere reflete condições de isolamento com outras localidades de produção cultural e artística de maior fomento à diversidade de estilos de vida e comportamentos, tão fundamentais para o desenvolvimento humano, a inovação e a criatividade. O que influencia na oferta do direito à cidade para todas aquelas pessoas, muitas vezes, excluídas da representação pública e urbana devido à sua dissidência pela performatividade e expressão de gênero ou pela sua orientação sexual não hegemônica e, assim, mantidas no isolamento e invisibilidade.

Tal condição de isolamento se reflete na ausência de corpos e performatividades plurais a serem representados no espaço urbano erechinense. Ainda que diferentes identidades e sexualidades participem das dinâmicas sociais, mesmo que em suas privacidades elas costumem ser coibidas de se manifestarem publicamente. Em especial, nas áreas mais centrais e espetaculares, atendidas pelos melhores investimentos de infraestrutura urbana, a presença de corpos dissidentes é pontual e não caracteriza relações cinestésicas (enquanto percepções obtidas pelo movimento do corpo com o espaço) de apropriação efetiva na medida em que estão sujeitas à violência e à injúria provocadas pelos representantes morais das classes mais ricas, brancas e cis-heterossexuais. Ao mesmo tempo, nessa configuração de subjetividades coletivas, a dominação masculina é marcante na apropriação da cidade. Observamos esse caráter tanto na demarcação das áreas de trabalho e mobilidade urbana quanto na designação das áreas de lazer, em especial, do lazer noturno (PEREIRA e VIEIRA, 2020). Assim, da mesma maneira que a cidade se constrói por meio de regulamentações sociais e relações hierárquicas da dominação masculina, branca e cis-heteropatriarcal, as vivências dissidentes apresentadas por pessoas LGBTQ permanecem clandestinas, periféricas ou precarizadas pela impossibilidade do reconhecimento de seus corpos e suas estéticas de existência, assim como são restringidas ao direito de viver a cidade com liberdade, dignidade e segurança (GEA; BARRETO; MOREIRA, 2019; CAMPOS; MORETTI-PIRES, 2018).

Enfim, tal compreensão diz respeito aos limites da regulamentação social na administração dos espaços em Erechim para disciplinar desejo e subjetividades a partir de valores morais e hierarquias sociais e dos subterfúgios para fugir desta ordem. Ou seja, enquanto a área central representa a utopia de corpos e cenários idealizados, nas áreas periféricas estão os corpos clandestinos e os espaços heterotópicos, que tornam possíveis e legítimas as experiências únicas de desvio e errância.

Referências

AMADOR, Fernanda; FONSECA, Tânia Mara Galli. Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa - considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 6, n. 1, p. 30-37, 2009.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BILHALVA, Liza. RODRIGUES, Marta Bonow. "O trabalho vai ser alimento pra prolongar um pouquinho mais a vida: envelhecimento, masculinidade e trabalho no Pampa Sul-riograndense". *Iluminuras*, v. 20, n. 49. Porto Alegre: UFRGS, p. 338-355, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/89717/pdf>. Acesso em: 02 abr. 2022.

BORTOLINI, Alexandre. Militarização das escolas e avanço reacionário: uma perspectiva de gênero. *Diversidade e Educação*, v. 9, n. 2, p. 92-119, 2022. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/13508>. Acesso em: 02 abr. 2022.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam*: os limites discursivos do “sexo”. Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: N-1 Edições; Crocodilo Edições, 2019.

CAMPOS, Dalvan Antonio de; MORETTI-PIRES, Rodrigo Otávio. Trajetórias sociais de gays e lésbicas moradores de rua de Florianópolis (SC), 2016. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 2, 2018.

COLLINS, Alan (ed.). *Cities of pleasure*. Sex and the urban socialscape. London; New York: Routledge, 2006.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). *História do corpo*: As mutações do olhar. Tradução e revisão de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Volume 3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa*: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução Magda Lopes. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DÍAZ HERNÁNDEZ, José Andrés. Cuerpos, signos y espacios: sobre la arquitectura panóptica de la segregación urinaria. *RELIES, Revista del Laboratorio Iberoamericano para el Estudio Sociohistórico de las Sexualidades*, n. 3, p. 5-30, 2020. Disponível em: <https://www.upo.es/revistas/index.php/relies/article/view/4904>. Acesso em: 02 abr. 2022.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Tecnologia e estética do racismo*: ciência e arte na política da beleza. Chapecó: Argos, 2007.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

FÜNFELT, Karla. *História da paisagem e evolução urbana da cidade de Erechim-RS*. 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

GEA, Karina Dia; BARRETO, Letícia Cardoso; MOREIRA, Lisandra Espíndula. O direito à cidade “no truque”: as resistências das trabalhadoras sexuais travestis e transexuais no bairro Santa Branca em Belo Horizonte. *URBS, Revista de Estudios Urbanos y Ciencias Sociales*, Universidad de Almería, Almería, v. 9, n. 1, p. 57-71, 2019.

GIARETTA, Jane Gorete Seminotti. *O grande e velho Erechim*: ocupação e colonização do povoado de Formigas (1908-1960). 2008. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2008.

HAESBAERT, Rogério. *Viver no limite*: território e multi/transterritorialidades em tempos de in-segurança e contenção. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

IBGE, *Estimativas da população residente com data de referência 1º de julho de 2020*. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2020. Online. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/erechim.html>. Acesso em: 02 abr. 2022.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado*: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LYNCH, Kevin. *A boa forma da cidade*. Tradução de Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho. Lisboa: Edições 70, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Disciplinaridade, interdisciplinaridade e complexidade. *Revista Emancipação*, Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, p. 435-442, 2010.

OLIVA, Alberto. *Anarquismo e conhecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

PEREIRA, Luiz Eduardo Minks; VIEIRA, Marcos Sardá. Lazer, gênero e sexualidades no espaço urbano central de Erechim. *Indisciplinar*, v. 6, n. 2, p. 300-325, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/29042/23146>. Acesso em: 02 abr. 2022.

PRECIADO, Paul B. Aprendiendo del virus. In: AMADEO, Pablo (ed.). *Sopa de Wuhan*: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. [Ebook]. Editorial ASPO. p. 163-185, 2020a.

PRECIADO, Paul B. *Um apartamento em Urano*: crônicas da travessia. Tradução Eliana Aguiar. Prefácio Viginie Despentès. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020b.

RIBAS, João Vicente. A representação municipal do Gaúcho de Passo Fundo. *Revista Latino-Americana de História*, São Leopoldo/RS: Unisinos, v. 2, n. 7, p. 345-361, 2013. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/351/251>. Acesso em: 02 abr. 2022.

SANTOS, Marinês Ribeiro dos. Gênero e cultura material: a dimensão política dos artefatos cotidianos. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 1, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000100300&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 02 abr. 2022.

SARDÁ-VIEIRA, Marcos. Identidades contingentes e cultura material na pós-modernidade. *Grifos*, Chapecó: Unochapecó, v. 31, n. 55, p. 23-42, 2022. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/grifos/article/view/6135>. Acesso em: 02 abr. 2022.

SILVESTRI, Graciela. Las heterotopias felices. *ANALES DEL IAA*, Buenos Aires, v. 44, n. 1, p. 15-31, 2014. Disponível em: <http://www.iaa.fadu.uba.ar/ojs/index.php/anales/article/view/129/117>. Acesso em: 02 abr. 2022.

STAKE, Robert E. *Pesquisa qualitativa*: estudando como as coisas funcionam. Tradução: Karla Reis. Revisão técnica: Nilda Jacks. Porto Alegre: Penso, 2011.

TEIXEIRA, Marcelo Augusto de Almeida. *Paisagens “sócio-sexuais” de Brasília*: o caso da W3 Norte. Urbana. Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade, Campinas, v. 10, n. 3(19), p. 527-545, 2018.

VIEIRA, Marcos Sardá (org.). *Panorama do espaço público em Erechim*. Palhoça: Editora Unisul, 2019.

VIEIRA, Marcos Sardá; GROSSI, Miriam Pillar. Sujetos invisibles, urbanidad inexistente. In: COZZI, Galia; VELÁZQUEZ, Pilar (coord.). *Desigualdad de género y configuraciones*

espaciales. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2017. p. 135-149.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 7-72.